



A CONSTITUIÇÃO DO EU À LUZ DA PSICANÁLISE

Bruno Rodrigues da SILVA¹
Dayra Ruama de Souza ROBERTO²
Vanusa Cibele Aparecida PEDROSO³
Daniely Cristina Santos SOUZA⁴

RESUMO

O presente artigo aborda o conceito de narcisismo, baseado no mito Grego de Narciso, utilizado dentro das teorias psicanalíticas para discorrer sobre o desenvolvimento infantil e aos investimentos libidinais. O estudo tem como objetivo compreender a constituição do narcisismo no desenvolvimento do aparelho psíquico e suas consequências na vida adulta sob a perspectiva da psicanálise. Para isso, utilizou-se a Revisão Bibliográfica do tipo revisão sistemática de conteúdo. Os descritores, Narcisismo; constituição do eu; Psicanálise e, teoria psicanalítica, foram utilizados na pesquisa de dados científicos *SciELO* e *Pepsic*. Com isso, pode-se compreender que o narcisismo, na atualidade, é lido como um comportamento chamado de egocêntrico, influenciado pelo modo como foi investido na infância e outros fatores externos, o que resulta em diferentes constituições narcísicas e recursos psíquicos adquiridos por cada pessoa, a depender do modo que foi investido pelas figuras maternas e paternas, na infância.

Palavras Chave: Narcisismo; Constituição do Eu; Psicanálise; Teoria Psicanalítica.

ABSTRACT

This paper discusses the concept of narcissism, based on the Greek myth of Narcissus, used in psychoanalytic theories to discuss child development and libidinal investments. The study aims to understand the constitution of narcissism in the development of the psychic apparatus and its consequences in adult life from the psychoanalytic perspective. To do so, it was used the Bibliographical Review of the type systematic review of content. The descriptors, Narcissism; constitution of the self; Psychoanalysis and, psychoanalytic theory, were used in the search for scientific data *SciELO* and *Pepsic*. With this, one can understand that narcissism, nowadays, is read as a behavior called egocentric, influenced by the way it was invested in childhood and other external factors, which results in different narcissistic constitutions and psychic resources acquired by each person, depending on the way it was invested by the maternal and paternal figures in childhood.

Keywords: Narcissism; Constitution of the Self; Psychoanalysis; Psychoanalytic Theory.

¹ Acadêmico do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT – da Sociedade Cultural e Educacional de Itapeva. psi.brunorodrigues@gmail.com

² Acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT – da Sociedade Cultural e Educacional de Itapeva. psi.dayruama@gmail.com

³ Acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT – da Sociedade Cultural e Educacional de Itapeva. psi.vanusapedroso@gmail.com

⁴ Docente do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT – da Sociedade Cultural e Educacional de Itapeva. danielypsicosouza@gmail.com



Introdução

O conceito narcisismo fundamentou-se com base no mito grego de Narciso, que conta a história de um belo jovem que ao recusar todos pretendentes, acabou se apaixonando pelo próprio reflexo na água quando se inclinou para bebe-la, essa paixão por si mesmo, fez com que Narciso permanecesse admirando seu reflexo definindo até morrer, acreditando que fosse um belo espírito.

Freud, utilizou-se da mitologia na construção de suas obras e na inserção de sua teoria. O mito de Narciso e a conceituação psicanalítica de narcisismo demonstram a aproximação entre a psicanálise e a mitologia grega. Isso visto que para psicanálise, o mito se constitui como um símbolo cultural de significações atemporais e universais, o que possibilita a leitura de realidades psíquicas e inconscientes, conceitos centrais da teoria freudiana.

A definição de narcisismo que se encontra no dicionário Aurélio é de “amor excessivo pela própria imagem ou por si mesmo”. Mas, Freud, ao decorrer de suas construções teóricas aprofundou-se nessa definição, inclusive, fazendo com que essa definição passasse por diversas alterações, até que se chegasse a conceituação firmada.

Freud aponta o narcisismo como um estágio evolutivo fundamental ao desenvolvimento infantil e aos investimentos libidinais, possuindo duas distinções. O narcisismo primário, entendido como o investimento libidinal da criança a si mesma, (antecede o voltar-se a objetos externos). E o narcisismo secundário, entende-se como retorno dos investimentos objetais, ou seja, a libido retorna ao *Eu*.

Lacan, se refere ao narcisismo fazendo alusão ao complexo de Édipo e aos estádios do espelho, pautando-se na inauguração da relação da imagem de si - antes imagem do outro - com a formação do *Eu*⁵, e na formulação de três tempos. Primeiro a criança se enxerga em uma imagem no espelho, mas compreende que é o outro.

⁵O *Eu*, que faz parte das três instâncias estruturais junto com *Id* e o *Super-Eu*, teria como principal função lidar com a realidade e mediar os conflitos internos trazidos entre as demandas do *Id* e as exigências do *Super-eu*, de forma a buscar um equilíbrio, podendo também ser considerado um elemento consciente e o “executivo” da personalidade (FREUD, 1923).



No segundo momento, o sujeito olha e é olhado, como uma imagem indeterminada vista no espelho. E por fim, no último tempo há o reconhecimento de que aquela imagem simboliza o próprio *Eu*.

Nesta pesquisa, buscou-se compreender as produções teóricas acerca da constituição do narcisismo, bem como, problematizar o uso deste conceito em psicanálise de acordo com as evoluções contemporâneas acerca da temática.

Trata-se de uma revisão bibliográfica, do tipo revisão sistemática de conteúdo. O levantamento foi realizado na plataforma de artigos científicos *Scielo*, recolhendo trabalhos pertinentes com os descritores da temática: psicanálise, narcisismo e constituição do *Eu*. Apresentando a formação que o sujeito tem de si, assim como de suas relações, investigando quais sintomas trazidos pela constituição do narcisismo na infância, para que assim seja possível identificar possíveis intervenções. Dessa maneira, constata-se a importância de se explorar essa definição, levando em consideração os reflexos que isso pode causar nas relações e identificações dos sujeitos.

Mitologia – mito de Narciso

Narcisismo é um conceito que se fundamentou a partir do mito grego de Narciso. Segundo a mitologia grega, Narciso era um belo jovem que recusou todos os pretendentes que se declaram a ele e acabou por apaixonar-se pelo próprio reflexo na água. “*O livro da mitologia*” conta que Narciso, em um dia que estava cansado da caça, sentiu calor e sede. Então, debruçou-se em uma fonte cristalina para beber e nisso, ao observar seu reflexo na água, acreditou que se tratasse de um belo espírito que residia naquela fonte e apaixonou-se por aquela imagem. Aproximou seus lábios aos lábios refletidos e afundou seus braços na água para abraçar seu amado, porém, a imagem se desfez ao toque e voltou a se formar após um tempo, refazendo o encantamento do jovem. Narciso dizia ao reflexo: “Por que me rejeitas ser maravilhoso? ”, e quando chorava e suas lágrimas caíam sobre a água, distorcia o reflexo. Narciso então implorava à imagem que ficasse, para que ele ao menos



pudesse olhá-la. Com isso, Narciso foi aos poucos perdendo cor, vigor e beleza, definhando até morrer (BULFINCH, 2013).

Freud utilizou-se dos mitos e da mitologia, como recursos na construção de suas obras e na inserção de sua teoria. Inicialmente, utilizou-se dos mitos em sua autoanálise sobre os sonhos, a fim de constatar analogias à mitologia grega e as representações dos desejos inconscientes, ou seja, a mitologia como forma de acessar o inconsciente por conta das condições artísticas que o mito expressa. O mito de Narciso e o Narcisismo são retratos claros da aproximação entre a psicanálise e a mitologia (EMÍDIO, 2011).

Para psicanálise, o mito se configura como símbolo cultural de todo caminho percorrido para elaboração da consciência, como uma significação da humanidade e da experiência, ambas (a mitologia e a psicanálise) essenciais para a leitura dessas variadas possibilidades de significados. Ainda mais quando se pensa na aproximação da psicanálise ao mito, em seu caráter atemporal sobre a realidade psíquica e o inconsciente – os principais conceitos da psicanálise (EMÍDIO, 2011).

A fantasia mitológica foi a forma que os antigos gregos encontraram de explicar seus problemas, com a dramatização de questões da humanidade por meio dos mitos, “os mitos falam à humanidade e podem sempre ser atualizados e contextualizados, despertando o interesse em diversas áreas do conhecimento, (EMÍDIO, 2011, p. 32). Portanto, surge como representação e expressão da realidade, como uma forma de suprir as necessidades humanas de afeto e conhecimento daquilo que é vivenciado e experimentado. Possui um caráter atemporal, ou seja, se expressa independente do tempo, o que o torna universal e uma explicação do mundo.

Justamente devido seu caráter universal, que o mito possibilita que explicações sobre os mesmos temas se propaguem em diferentes contextos, como se partissem de uma mesma origem. Emídio afirmou que “o mito se refere sempre à criação, seja do mundo, seja de qualquer parte dele” além de ser “a experiência de sentidos” (EMÍDIO, 2011, p. 34-35). Que nos propicia percepções da realidade, através da ressonância causada no interior do indivíduo, como um aprendizado de experiências da vida. Aliás, o mito é fundamental em ofertar papéis a serem desempenhados, e esse processo de passagem a assumir uma nova função, um novo papel, podemos



chamar de ritos mitológicos. Essa oferta remete muito a ideais e modelos a serem seguidos, conforme as necessidades morais.

Narcisismo – Freud

A definição de narcisismo que se encontra no dicionário Aurélio é de “amor excessivo pela própria imagem ou por si mesmo”. Conforme o dicionário de psicanálise, narcisismo é um conceito inaugurado e estudado por alguns autores a partir do século XIX. Alfred Binet acreditou que o narcisismo estaria ligado a um tipo de fetichismo (a própria pessoa é tomada como objeto sexual). Havelock Ellis, em 1898, relacionou o narcisismo a um tipo de comportamento perverso. Na tradição Grega, o mito de Narciso marcou e, ainda, marca gerações com a história enamorada e trágica da paixão de Narciso por sua própria imagem – um semblante ali refletido que ecoou em si como objeto de amor (ROUDINESCO, 1998).

As ideias de Havelock Ellis em 1908 foram contraditas por Isidor Sadger, que desenvolveu o conceito de narcisismo enquanto parte do estágio de desenvolvimento psicosexual, do ser humano. Sigmund Freud, em suas primeiras formulações sobre as Pulsões no livro “*Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*” (1905), formulou que, existe uma oposição entre libido (pulsões sexuais) e pulsões de auto conservação do *Eu* (FREUD, 1905).

Mas só em 1910, que Freud se posicionou em relação ao termo narcisismo, o designando como “a conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual, isto é, olha-o, toca nele e o acaricia com prazer sexual, até atingir plena satisfação mediante esses atos” (FREUD, 1914, p.10).

Sigmund Freud, compartilhou das mesmas ideias de Isidor Sadger e retomou o mito de Narciso para exemplificar os atos psíquicos envolvidos na constituição do *Eu*. No texto “*Sobre o Narcisismo: uma introdução*” (1914), o narcisismo ganha status de conceito. Ele retoma as ideias de Karl Abraham sobre ‘o processo de desinvestimento do objeto e convergência da libido para o sujeito, como parte do funcionamento psicótico’. Desta maneira, o delírio de grandeza, presente na psicose, estaria ligado ao investimento da libido no próprio *Eu*, investimento este que teria sido completamente retirado de objetos externos. No texto “*Algumas reflexões sobre o ego*”



(1951), existe uma referência sobre o funcionamento psíquico na psicose, "uma função essencial do ego – estaria ligada a recusa sistemática a se conhecer a realidade".

Chegou-se à conclusão a partir das dificuldades encontradas pela psicanálise ao lidar com pacientes neuróticos, sugere-se que o comportamento narcísico representava um dos limites em sua vulnerabilidade a influências externas. Neste sentido, pode ser entendido que o narcisismo não seria considerado uma perversão, mas sim um complemento libidinal do egoísmo, pertencente ao instinto de auto conservação, que é atribuído justamente a cada sujeito (FREUD 1914).

A construção do conceito de narcisismo dentro da teoria psicanalítica começa a ser pensado de acordo com o vocabulário da psicanálise de Laplanche e Pontalis, com o estudo do caso Schreber, Freud então propôs a existência de um estágio de desenvolvimento sexual intermediário, fazendo fronteira entre o autoerotismo e o amor de objeto, permitindo a centralização das pulsões sexuais e considerando os investimentos libidinais (LAPLANCHE, 1991).

Sigmund Freud em 1914 se dá conta, que o narcisismo seria na verdade, uma fase evolutiva, e então descreve psicanaliticamente narcisismo como pertencente ao desenvolvimento infantil e aos investimentos libidinais, com a afirmativa de que os investimentos libidinais poderiam ser designados ao próprio ego ou ao objeto, sendo assim, libido narcísica e relações objetais, "o ego deve ser considerado como um grande reservatório de libido, de onde a libido é enviada aos objetos, e que está sempre pronto a absorver libido que reflua dos objetos", (LAPLANCHE, 1991, p. 287). Posteriormente, em uma definição estrutural do narcisismo, supera-se a noção evolutiva, em consequência a estase da libido, que nenhum investimento objetual supera por completo.

Nesse sentido, na busca pela distinção entre as pulsões sexuais e suas satisfações, Sigmund Freud estabelece uma segunda teoria com relação ao aparelho psíquico, opondo-se à noção universal de condição narcísica primitiva e relações objetais. "O narcisismo primário designa um estado precoce em que a criança investe toda a sua libido em si mesma. O narcisismo secundário designa um retorno ao ego da libido retirada dos seus investimentos objetais" (LAPLANCHE, 1991, p. 290).



Das formulações freudianas, o narcisismo primário diz respeito à criança e à escolha que ela faz de sua pessoa como objeto de amor, uma etapa que precede à capacidade de se voltar para objetos externos. Esse processo geraria uma oposição entre a libido (pulsões sexuais voltadas para objetos do mundo em geral) e pulsões sexuais voltada para o Eu (*Moi*), enquanto o objeto pulsional do mundo em que o sujeito se reconhece. Essa oposição geraria um efeito de gangorra, onde um lado é investido e o outro, empobrecido. A constituição do narcisismo estaria situada entre dois processos distintos, o autoerotismo, em que as pulsões são livres e voltadas ao prazer, e o amor de objeto (amar e escolher o outro como totalidade) (FREUD, 1914).

Enquanto o narcisismo secundário estaria ligado a uma ideia contemporânea da estruturação do ego em identificação com o outro, correspondente ao narcisismo do Eu, em relação a necessidade de que se estabeleça um retorno de investimentos objetais, para que dessa forma, a libido retornasse ao *Eu* (LAPLANCHE, 1991).

O narcisismo primário para Freud não é algo que pode ser observado diretamente, pois “uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo, o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos auto eróticos são primordiais, então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo” (FREUD, 1914, p. 13). A partir dessa ideia, Freud elaborou então, que a satisfação advinda do autoerotismo, ou seja, a satisfação adquirida pelo próprio corpo da criança é caracterizada como narcisismo primário, e ainda discorre sobre a importância do papel dos pais na constituição do narcisismo primário.

Ao observar as atitudes carinhosas de muitos pais em relação aos próprios filhos, acaba sendo possível reconhecer que essa postura estaria representando uma reprodução do seu próprio narcisismo abandonado há tempos. Essa relação afetiva é marcada pela supervalorização, que é identificada como um estigma narcísico diante da escolha do objeto. Os pais têm a tendência de atribuir a criança todas as perfeições, mesmo que um observador imparcial não as encontre, ao mesmo tempo em que escondem e esquecem todos os defeitos, o que estaria relacionado com a negação da sexualidade infantil (FREUD, 1914).

Freud também compreende a constituição do narcisismo, como um conjunto de imagens que se formam em torno de uma falta, da sensação de perda ou vazio que



se inicia ainda na infância, quando a criança se separa do seu objeto primordial de satisfação (a mãe), em relação a entrada da lei simbólica e ao complexo de castração posteriormente. O “nome-do-pai” é como uma figura de autoridade que estabelece a lei-simbólica em uma instância que determina e impõe interdições, através dessa imposição, acaba por implicar a renúncia à satisfação plena dos desejos. Ou seja, é através do complexo de castração que se opera o reconhecimento de uma incompletude, despertando o desejo de recuperar a perfeição narcísica, incluindo uma imagem do objeto e uma imagem do Eu, imagens essas em sua relação com o investimento sexual (LACAN, 1901-1981).

Desta forma, a falta vivenciada nesse processo acaba por impulsionar a busca por satisfação e o desejo de preencher esse vazio gerado pela ausência desse objeto primordial, seu relacionamento com o desejo também se dá pela tentativa de preencher esta falta a fim de alcançar uma satisfação completa, o que de certa forma, acaba sendo impossível, perpetuando a busca pela satisfação (LACAN, 1901-1981).

Constituição do *Eu* – Lacan

No texto “*Algumas reflexões sobre o ego*” (1951), Lacan diferencia o funcionamento do animal do funcionamento do bebê humano. Um macaco é colocado na frente de um espelho e se contenta com aquilo que vê, devido à alta adaptabilidade à realidade, o que não acontece com o bebê humano. Este, é colocado na frente do espelho e é atravessado por um verdadeiro fenômeno de muitos efeitos. Quando o bebê humano nasce, não existe necessariamente um Eu formado, possa ser que exista uma certa consciência de si, alguns mecanismos corporais (remetidos a funcionamentos orgânicos e ligados à sobrevivência) que entram em funcionamento, mas o Eu - a constituição do Eu - faz parte de um ato psíquico que precisa ser inaugurado (LACAN, 1951).

No texto “*O estádio do espelho como formador da função do eu*” (1949), inaugura-se uma nova relação da imagem de si – até então imagem do outro - com a formação do Eu. No primeiro momento (a imagem como Gestalt) o sujeito se enxerga em uma imagem no espelho, mas entende que essa imagem é o outro (Ex.: ele é a mãe e a mãe é ele – díade mãe-bebê). No segundo momento (O corpo despedaçado)



a imagem vista no espelho faz parte de algo indeterminado: o bebê olha e é olhado. O bebê enxerga e está sendo visto. Há uma descoberta dessa relação de reciprocidade e também uma espécie de desorientação do Eu nessa relação. No terceiro tempo (existencialismo), o *Eu* surge como reconhecimento, aquela imagem simboliza algo, portanto, o próprio *Eu*. No texto “Algumas reflexões sobre o ego” (1951), Lacan disse que “o estádio do espelho é um fenômeno de duplo valor”. A constituição do Eu é formada por aquele que fala e aquele que escuta, é uma estrutura dual. O Eu é, portanto, o outro, o grande Outro, o outro simbólico, duplo de si mesmo (LACAN, 1949).

No processo de constituição do Eu e como antecipação (ideal de eu) e resultado (eu-ideal) da formação narcísica, existem dois processos subjacentes: eu-ideal e ideal de eu. O Eu-ideal seria uma solução de complemento imaginária satisfatória do corpo despedaçado. A imagem sempre insatisfatória e sempre inadequada, entraria em processo de perseguição dela mesma, em busca de um complemento imaginário, algo que jamais pode ser alcançado. O Ideal de Eu seria a instância pela qual o Eu se antecipa e se forma, instância com a qual a gente se identifica para poder reconhecer o nosso próprio desejo. Para ser como X para poder desejar Y (LACAN, 1949).

Nos estádios do espelho de Lacan, há um aprofundamento da ideia de constituição do Eu e o narcisismo. No período inicial, a criança ao observar seu reflexo no espelho, não faz uma diferenciação do eu com o outro. Em seu texto “*A agressividade em psicanálise*”, Lacan explica essa relação da criança com o outro, que ocorre dentre os seis meses e os dois anos e meio, demonstrando como é comportamento infantil “a criança que bate diz que bateram nela, a que vê cair, chora” (LACAN, 1948, p. 116).

Sendo assim, é possível observar que uma criança que se identifica com outra pessoa, acaba por experimentar um conjunto de reações que envolve tanto a impotência quanto a ostentação. Essas condutas acabam por revelar claramente a ambivalência estrutural presente, na qual a criança se identifica tanto com a déspota quanto com o escravo, assim como com o espectador e o ator, e também com o sedutor e o seduzido. Essa ambivalência estrutural pode ser vista como um fenômeno



complexo e multifacetado, uma vez que estaria ligada a diversas formas de identificação e relações de poder. Por exemplo, a identificação com o déspota poderia estar associada a um desejo de dominação e controle sobre outros, enquanto a identificação com o escravo pode estar ligada a um sentimento de submissão (LACAN, 1949).

O narcisismo secundário se dá após o complexo de Édipo, processo no qual ocorre o confronto entre o Eu com o ideal que lhe é exigido de fora, algo formado fora dela, conforme as exigências do mundo transmitidas através da linguagem, (LACAN, 1949). Quando a mãe fala com a criança, ela não estaria falando apenas para ela, mas também para outras pessoas, o que acaba por fazer com que a criança perceba que a mãe também deseja outras coisas além dela e que ela não é o centro de atenção exclusivo da mesma. Essa percepção acaba por infligir uma ferida no narcisismo primário da criança. A partir daí a criança se esforçará para ser amada pelos outros e para agradá-los, a fim de recuperar o amor perdido, o que só pode ser alcançado satisfazendo as exigências do ideal do Eu.

Nesse sentido Lacan (1949), destaca o narcisismo secundário no indivíduo, nos estádios do espelho como um processo de identificação com o outro, para que se estabeleça uma relação desse sujeito com a realidade, concluindo então que esse estágio é essencial para ligar o Eu com a sociedade. Esse narcisismo secundário irá formar o ideal de eu, um dos eixos do superego do indivíduo. Essa diferenciação que se dá do Eu com o outro, irá estruturar o sujeito na neurose, psicose ou perversão. No texto "*Neurose e Psicose*" de Freud, ele explica a diferenciação de neurose e psicose: "a neurose seria o resultado de um conflito entre o Eu e seu Id, enquanto a psicose seria o análogo desfecho de tal perturbação nos laços entre o Eu e o mundo exterior" (FREUD, 1924, p. 159).

Portanto, o Eu se estabelece e se apresenta por intermédio de uma relação, como um produto de uma relação não natural que o Eu se apresenta como um precipitado resultado. O estágio do espelho é exatamente a argumentação que nos mostra o campo em que essas relações se constituem e produzem o Eu, campo este, onde as relações se dão ao decorrer dos estágios, demarcam e estabelecem o Eu (LACAN, 1998).



É a partir do investimento narcísico dos pais que a criança constrói a sua imagem e seu Eu ideal segundo sua própria fantasia do que deve ser/fazer para ser amado. (LEWKOVITCH; GRIMBERG, 2016). Essa formação do ideal de *Eu* demonstrará de que maneira o indivíduo se relaciona consigo e com o mundo, formação no qual tem grandes papéis a função dos pais, educadores, entre outros.

Desta forma, seguindo a ideia de relação com o objeto, é afirmado que uma pessoa ama de acordo com dois tipos: o tipo narcísico e o tipo “de apoio”. De acordo com Freud, o tipo narcísico inclui o amor por si próprio, pelo que ele mesmo foi, pelo que ela mesma gostaria de ser e pela pessoa que foi parte dela mesma, um amor que reflete a si própria, seja como é atualmente, como foi no passado ou como gostaria de ser. Já o tipo “de apoio” inclui o amor pela mulher nutriz e pelo homem protetor, uma figura que oferece proteção e sustento. A partir dessa teoria, Freud “esclarece” que o amor seria, em grande parte, influenciado pelo narcisismo do indivíduo e sua necessidade de suporte emocional (FREUD, 1914).

A forma de produção de sintomas, do mal-estar e do sofrimento do sujeito, com base na constituição e estruturação partindo do complexo de Édipo, parte também de distinções entre a dissolução do complexo de Édipo na menina, e no menino, pois “no caso do menino, o narcisismo do corpo interrompe o Édipo; no caso da menina, o narcisismo da imagem de si abre para o Édipo” (NASIO, 2007, p. 37).

No primeiro momento ele está identificado com o falo, não é uma parte do corpo, mas é o significante. É o significante que representa tudo o que os pais desejam para ele, a partir daquilo que ficou sobrando dos desejos que os antecederam. Esse momento de ligação com o narcisismo primário, ele é rompido, é interrompido pela intrusão, pelo desmame e depois da descoberta de que há irmãos e finalmente a descoberta de que não somos objeto máximo de desejo do outro, podendo discernir nesse processo que envolve identificações e escolhas de objeto ou orientações de desejo (NASIO, 2007).

Para psicanálise, a autoestima seria aquilo que o ser humano sabe de si próprio, como avalia seu comportamento, suas emoções e pensamentos. Freud a descreveu como sendo a consciência que o indivíduo possui a respeito de si mesma, como expressão do tamanho do ego, em relação a libido narcísica, popularmente



conhecida como amor próprio. Sobre a autoestima, Freud a dividiu em três partes, “uma parte do amor-próprio é primária, resto do narcisismo infantil; outra parte se origina da onipotência confirmada pela experiência (do cumprimento do ideal do Eu); uma terceira, da satisfação da libido objetal” (FREUD, 1914, p. 33).

Com relação às escolhas objetais, Freud postula dois tipos, o anaclítico e o narcisista. O anaclítico seria o primeiro objeto de amor, que está vinculado diretamente às necessidades básicas e suas satisfações, o narcisista, corresponde a escolha objetal, que torna a si mesmo como objeto amoroso. Normalmente, essas duas escolhas objetais podem ser encontradas em todas as pessoas, mas em graus distintos. De modo geral, os traços narcisistas primários e os secundários irão constituir a personalidade do indivíduo e acompanhá-lo durante sua vida. É a partir do olhar da mãe, que a criança reconhece ser amado, baseando todas as suas escolhas e realizações a esse período, e dessa forma, entender que foi possível desenvolver o amor próprio por si mesmo. Nas fases do desenvolvimento psicosssexual, Freud aponta que a criança ao sair de cada fase de forma saudável, com o amparo de seus pais, se tornará um adulto confiante em si mesmo, ou seja, a criança precisa sentir-se bem e amada para desenvolver a confiança (FREUD, 1914).

O narcisismo está inteiramente ligado ao nascimento do bebê, uma vez que ele não se reconhece, ele se identifica com a imagem de filho que a sua mãe gostaria de ter conceituado pela psicanálise como suposto sujeito, pode-se afirmar que a presença do outro é fundamental, Lacan utiliza do espelho como uma metáfora que elucida o outro enquanto função do espelho, por nomear a imagem nele expressa. O estágio do espelho, concebe-se em torno das identificações e das imagens, para tanto, é necessário compreendê-lo como uma identificação (LACAN, 1998).

Enfatiza a importância da validação do adulto no momento em que a criança reconhece a imagem como sendo sua. Considerando que esse momento, a tomada de consciência em si, será crucial para a formação psíquica da criança, compreendida como uma identificação que implica na transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem (LACAN, 1998).

Pode-se entender então, que na identificação narcísica, o Eu é o outro, ou seja, é pelo qual o sujeito é descentralizado em relação ao indivíduo e a imagem primordial,



percebendo assim, que o que está em sua origem é o que irá determinar a estrutura do Eu, (LACAN, 1998). Dessa maneira, é possível dizer que a inserção da imagem é construída a partir das relações afetivas significativas, a pessoa vai construir sua própria imagem consciente ou inconscientemente de acordo de como ela se avalia. E mais uma vez, a imagem que o indivíduo tem de si reflete nas relações.

Resultados e Discussões

O narcisismo tem suas raízes na mitologia grega, com a história de Narciso, um jovem que se apaixonou por sua própria imagem refletida na água e acabou se deteriorando para ficar próxima a ela. O mito de Narciso tornou-se um símbolo de amor próprio excessivo e egoísmo.

O termo "narcisismo" em seu sentido psicológico moderno foi cunhado por Sigmund Freud no início do século XX. Freud usou o termo para descrever um estágio de desenvolvimento infantil no qual a criança é focada em si mesma e em suas necessidades, e ainda não tem a capacidade de se colocar no lugar dos outros. Ao longo do século, o narcisismo tornou-se um tema recorrente na cultura popular, com obras de arte, literatura e cinema explorando o tema do amor próprio excessivo e egoísmo. Atualmente, o termo "narcisismo" é frequentemente usado para descrever pessoas que exibem traços de auto obsessão e falta de empatia em excesso. Alguns psicólogos acreditam que a cultura moderna, com suas redes sociais e atenções voltadas ao individualismo, pode contribuir para o aumento de uma personalidade considerada "egoísta" entre as pessoas.

É importante ressaltar que todos nós temos um certo grau de autoestima e necessidade de reconhecimento, e o narcisismo, como parte da constituição do Eu, poderá se apresentar de diferentes formas conforme haja mais ou menos investimento no processo de desenvolvimento; assim, só poderá ser considerado problemático se essas características ao serem muito investidas, se tornarem excessivas e acabarem prejudicando o funcionamento social, ocupacional e/ou pessoal da pessoa.

Em resumo, o narcisismo na atualidade pode ser entendido como um comportamento egocêntrico que se concentra em si mesmo e na imagem pessoal,



muitas vezes alimentado por fatores culturais e sociais, e que pode se manifestar de diferentes formas e em diferentes graus, sendo necessário compreender a sua função dentro da teoria psicanalítica durante o processo de constituição do Eu. Por fim, a compreensão do narcisismo pode ajudar a aumentar a autoconsciência, além de reconhecer os próprios traços narcísicos, entendendo como isso pode afetar a si próprio e as relações interpessoais, uma etapa importante no desenvolvimento pessoal e na construção de relacionamentos mais saudáveis e satisfatórios.

Considerações Finais

Mediante o exposto, pode-se entender o quão importante é a constituição do narcisismo durante o desenvolvimento ainda na infância, partindo desse ponto como influente, na repercussão das relações assim como ao decorrer da vida do sujeito como um todo. Posto isso, vale ressaltar a importância do investimento dos pais para com os filhos durante a infância e suas fases de desenvolvimento em seus primeiros anos de vida, onde essa criança possa sentir-se amada, visto que é nessa fase que ela precisa ser reconhecida, para que futuramente consiga se reconhecer, e a partir disso desenvolver amor próprio e conquistar seus objetivos com segurança, tendo o amor de seus pais para sustentá-la, ou caso não haja, para que possua condições de sustentar isso sozinha, uma vez que é segura de si.

É preciso lembrar que, a constituição do narcisismo de cada indivíduo será moldada pelo modo como foi investida na infância, o que resulta em diferentes recursos psíquicos para lidar com questões inerentes à vida. Acaba sendo importante considerar, também, o equilíbrio neste processo, pois o investimento dos pais na infância precisa ser dosado para evitar um excesso de validação que possa levar a narcisismo excessivo na vida adulta. Compreende-se, então, que o investimento adequado acaba sendo necessário para que a criança se torne um adulto saudável, confiante e capaz de estabelecer certas relações positivas, pois a forma que o indivíduo se vê e se reconhece terá um papel fundamental no desenvolvimento de suas relações interpessoais.



Referências

AZEVEDO, A. V. **Mito e psicanálise**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor., 2004.

BICALHO, H. M. S. **Narcisismo: o imaginário da palavra**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-25032019-183828/pt-br.php>> Acesso em: 15 mar. 2023.

BULFINCH, T. **O livro da Mitologia: A Idade da Fábula**. 1ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.

EMÍDIO, T. S. **Diálogo entre feminilidade e maternidade: Um estudo sob o olhar da mitologia e da psicanálise**. São Paulo: Unesp, 2011. 177 p.

FERREIRA, A. B. de H. **Míni Aurélio online: O dicionário da língua portuguesa**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/narcisismo/>. Acessado em: 12 abr. 2023.

FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12.

FREUD, S. (1856-1939). Obras Completas Volume 6. O método psicanalítico de Freud (1904). **Três ensaios sobre a Teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)** Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. – 1ª Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. **Neurose e psicose [1924]**. In: _____. Sigmund Freud Obras Completas, vol. 16. Tradução: Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 176- 184.

FREUD, S. **O Ego e o Id (1923)**. In: _____. O Ego e o Id e outros trabalhos. ESB Vol XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 13-89.

LACAN, J. “O estádio do espelho como formador da função do eu” ([1936-1937-1938] 1949). In: _____. **Escritos (1966)**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1998. 944 páginas. Pp: 96-103.

LACAN, J. “Algumas reflexões sobre o Ego” ([1936-1937-1938] 1949-1951). In: _____. **Escritos (1966)**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1998.



LACAN, J. Tese IV. A agressividade em psicanálise [1948]. In _____. **Escritos [1966]**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1995. p. 112-122.

LACAN, J. **ESCRITOS**: Jacques Lacan. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. **Nomes-do-pai (1901-1981)**. Tradução: André Telles, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LAPLANCHE, J. **Vocabulário da psicanálise** / Laplanche e Pontalis; sob a direção de Daniel Lagache. Tradução: Pedro Tamen. — São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LEWKOVITCH, A.; GRIMBERG, A. A **atualidade dos conceitos freudianos de eu ideal, ideal do eu e supereu**. Estudos e Pesquisas em Psicologia, v.16, n.4, p. 1189- 1198. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812016000400008. Acesso em: 15 mar. 2023.

NASIO, J. D. **Édipo: O complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2007.

NASIO, J. D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise (1988)**. In: _____. O Conceito de Narcisismo. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1989. Cap. 3. p. 47 – 74.

ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Tradução: Vera Ribeiro; Lucy Magalhães; Supervisão da edição brasileira: Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.